

ESTADOS UNIDOS

Senadores fazem maratona de votações em torno do megapacote, enviado pelo governo, que propõe aumento de impostos, corte de programas sociais e mais investimentos militares. A previsão é elevar as despesas em US\$ 3 trilhões até 2034

Trump defende “lei grande e bonita”

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, concentra sua atenção nas guerras, que assumiu como mediador, e também nos temas que lhe são mais caros. Internamente, colocou a tropa de choque para aprovar um megapacote de medidas que reúne 940 páginas. Nele, há aumento de impostos, redução de investimentos em programas sociais, inclusive cortando planos de saúde para os mais pobres, e elevação de despesas em segurança externa e na área militar. A ideia é aprovar todas as medidas até o dia 4 — quando há feriado do Dia da Independência nos EUA. Na Casa Branca, o republicano disse que a iniciativa é “uma das leis mais importantes da história” do país. “É isso é o que todos dizem, praticamente todo mundo.”

Com essa possível vitória, o governo norte-americano deixará de arrecadar US\$ 4,5 trilhões (R\$ 24,6 trilhões). A estimativa é que uma vez aprovado, haverá, ainda, aumento da dívida norte-americana em mais de US\$ 3 trilhões (R\$ 16,4 trilhões) até 2034. No Senado com 100 cadeiras — há 48 democratas e três independentes —, 49 estão com os republicanos, mas dois resistem por questões regionais. “A lei grande e bonita protegerá nossas fronteiras, impulsionará nossa economia e trará de volta o sonho americano”, defendeu o presidente norte-americano.

Paralelamente, Trump intensifica a campanha para executar suas bandeiras: redução da emissão de vistos, proteção ao Estado de Israel em nome do combate ao antissemitismo, guerra à imigração e aos tratamentos para redesignação de gênero. No momento em que foca no Senado, ele também observa o entorno que o incomoda. O republicano mandou revogar ontem os vistos de uma dupla britânica de punk-rap Bob Vylan por ter pedido a morte do Exército israelense durante festival de música.

Incomodado por se sentir desautorizado, Trump promete suspender os repasses para a Universidade de Harvard por considerar que os estudantes judeus não tiveram a devida proteção, assim como afirmou que serão canceladas as verbas para os hospitais que mantêm tratamento de redesignação de gênero para crianças e adolescentes.



Articulações intensas no Capitólio, o Congresso norte-americano, colocam os republicanos e os democratas em uma disputa de forças

» Combate à imigração

O Departamento de Justiça qualificou como “ilegais” as políticas da prefeitura de Los Angeles, sob comando da democrata Karen Bass, e anunciou a abertura de um processo por desrespeito. A cidade foi declarada “cidade-santuário” para os imigrantes. A conduta conta com o apoio do presidente do Conselho Municipal, Marqueece Harris-Dawson, e do atual corpo legislativo. A decisão municipal limita a cooperação das autoridades locais com as federais na aplicação das leis migratórias federais. As autoridades de Los Angeles condenam veementemente as ações da Casa Branca em relação aos imigrantes. Para a gestão de Donald Trump, essas ações “interferem na aplicação das leis de imigração do governo federal”.

O projeto prevê, entre tantos aspectos que, se aprovado, 11,8 milhões de pessoas perderão seus planos de saúde até 2034. A legislação também reduziria impostos sobre

gorjetas e horas extras. Os republicanos precisam manter 50 dos seus 53 senadores para aprovar o projeto de lei. Eles perderam dois parlamentares que discordaram do aumento da

dívida nacional e dos cortes. Há, ainda, um grupo de senadores conservadores que insiste em revisar o projeto de lei para reduzir o impacto do déficit. Pela análise do Escritório de Orçamento do Congresso, o projeto de lei aumentaria a dívida nacional em US\$ 3,3 trilhões nos próximos 10 anos. Segundo a avaliação do escritório, as receitas cairiam cerca de US\$ 4,5 trilhões e os gastos seriam cortados em US\$ 1,2 trilhão.

Antissemitismo

Outra batalha de Trump é contra o que chama de antissemitismo, o foco agora é a banda de punk-rap Bob Vylan, durante show no festival de Glastonbury, gritou “Morte, morte às IDF!”, as Forças de Defesa de Israel, e pediu ao público que fizesse o mesmo. A iniciativa foi condenada pelo primeiro-ministro

britânico, Keir Starmer, e pelos organizadores do festival.

O subsecretário de Estado, Christopher Landau, informou que os Estados Unidos “revogaram os vistos dos membros da dupla Bob Vylan à luz de sua diátribe odiosa em Glastonbury, que incluiu arrastar a multidão a cânticos de morte”. “Estrangeiros que glorificam a violência e o ódio não são bem-vindos em nosso país”, publicou Landau no X.

Em 2024, também no festival de Glastonbury, Liam O’Hanna, conhecido como Mo Chara, da banda norte-irlandesa Kneecap, foi acusado de “terrorista” por ter exibido uma bandeira do movimento islamista palestino Hezbollah em um show em Londres em 2024. Os demais membros do grupo têm shows

A lei grande e bonita protegerá nossas fronteiras, impulsionará nossa economia e trará de volta o sonho americano”

Donald Trump,
presidente dos EUA

programados para o fim do ano nos Estados Unidos.

A gestão Trump ameaça cortar verbas da Universidade Harvard, sobretudo para o financiamento federal da escola da Ivy League, se não solucionar supostas falhas em proteção de estudantes judeus que se queixam de assédio. Uma força-tarefa federal enviou uma carta a Harvard, avisando que foram constatadas violações por parte da instituição no que se refere às leis de direitos civis, que exigem que as faculdades protejam os alunos da discriminação com base em raça ou origem nacional.

A carta afirma que os investigadores constataram que Harvard foi, em alguns casos, “participante deliberada de assédio antissemita contra alunos, professores e funcionários judeus”, em seguida, acrescenta: “A falha em instituir mudanças adequadas imediatamente resultará na perda de todos os recursos financeiros federais e continuará a afetar o relacionamento de Harvard com o governo federal”. O documento foi divulgado pelo *The Wall Street Journal*.

Recentemente, Harvard perdeu mais de US\$ 2,6 bilhões em bolsas federais de pesquisa após rejeitar uma lista de demandas federais pedindo mudanças radicais na governança, contratação e admissão do câmpus.

O reitor Alan Garber reconheceu problemas com antissemitismo e preconceito antiumulmano no câmpus, mas afirma que a universidade tem feito progressos no combate à discriminação: “Harvard não pode — e não irá — tolerar a intolerância”.

Sem verbas para crianças trans

O jornal *Washington Post* destaca a hipótese de o governo Donald Trump cortar verbas para hospitais que, segundo ele, fornecem tratamentos de gênero para crianças e adolescentes, de acordo com dados levantados pelo *Wall Street Journal*. A possibilidade é aventada após os Centros de Serviços Medicare e Medicaid dos EUA terem enviado comunicações, informando sobre eventuais preocupações sobre

padrões de qualidade e lucros relacionados aos procedimentos.

O governo Trump está avaliando cortar verbas para hospitais que, segundo ele, oferecem tratamentos de gênero para crianças e adolescentes, uma medida que aumentaria drasticamente o escrutínio das autoridades sobre tais programas.

Nove hospitais infantis receberam os informativos de Mehmet

Oz, administrador dos Centros de Serviços Medicare e Medicaid e médico famoso conhecido como Dr. Oz. O ex-cirurgião cardíaco e apresentador de televisão exigiu dados relacionados a cirurgias de redesignação sexual, terapia hormonal e bloqueadores da puberdade.

Responderam, até o momento, entre eles o Hospital Infantil de Boston, que informou ser obrigado

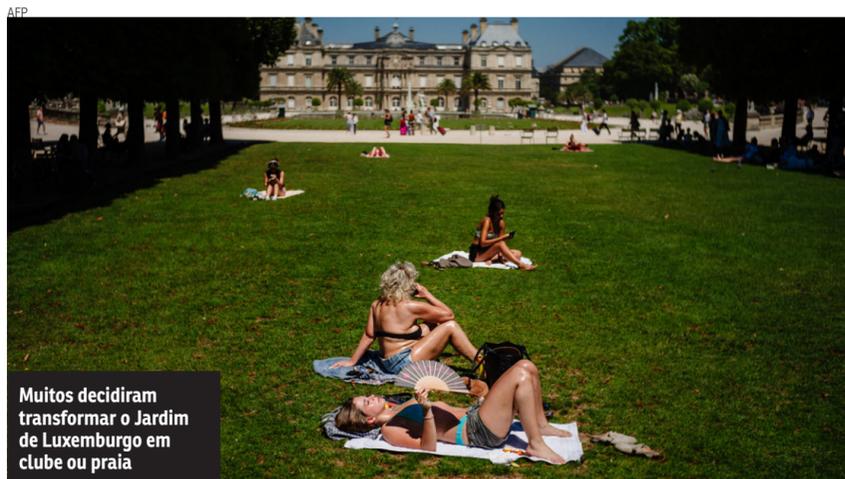
a fornecer cuidados de afirmação de gênero pela lei estadual de Massachusetts, enquanto o Hospital Infantil de Los Angeles afirmou que encerrará seu programa de cuidados relacionados a gênero para crianças, segundo a reportagem. O Hospital Infantil UPMC de Pittsburgh informou que não ofereceria mais a cuidados relacionados a gênero para crianças, como bloqueadores da puberdade.



Na Marcha do Orgulho LGBTQIA+, participantes pedem respeito

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Calor recorde desafia os europeus



Muitos decidiram transformar o Jardim de Luxemburgo em clube ou praia

Uma onda recorde de calor atingiu o sul da Europa, colocando os países em alerta. Há registros de incêndios em vários países, como Grécia, Turquia, Portugal e Espanha. Na França, escolas foram fechadas pela impossibilidade de os alunos assistirem aulas nas salas, que não dispõem de estrutura. Só na Espanha, em Portugal, na Itália e na França, houve registros de temperaturas acima de 40° C.

Na Espanha, as temperaturas mais elevadas foram em 1965, quando houve registros 45,2°C em Sevilha, na mesma região. Os espanhóis também não tiveram trégua no domingo, que foi “o 29 de junho mais quente na Espanha como um todo desde pelo menos 1950”, segundo a

agência estatal de meteorologia da Espanha, a Aemet.

Alerta vermelho

Em Portugal, o termômetro atingiu 46,6° C em Mora, a cerca de 100 quilômetros a leste de Lisboa — é um recorde após 60 anos. O calor também afetou o mar Mediterrâneo, que teve sua temperatura de superfície mais quente já registrada para um mês de junho, a 26,01° C, em média, segundo dados do programa europeu Copernicus analisados pela agência meteorológica francesa. O Ministério da Saúde da Itália emitiu alerta vermelho para 17 cidades, incluindo Roma, Milão, Florença e Verona. Na Croácia, a maior parte da

costa está em alerta vermelho devido aos termômetros acima dos cerca de 35° C, enquanto Montenegro enfrenta um risco de incêndio e a Sérvia registrou uma seca grave e extrema que afeta grande parte do país. O Reino Unido também foi afetado por essa onda de calor no primeiro dia do torneio de tênis de Wimbledon. As autoridades britânicas declararam alerta laranja em cinco regiões da Inglaterra, incluindo Londres.

Os bombeiros foram chamados para combater incêndios florestais em diversas regiões na Itália, em Portugal, na Grécia, na Espanha e na Turquia. Cientistas afirmam que as ondas de calor se tornam mais intensas devido às mudanças climáticas.